ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO DE 1900 N.° 861 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 68

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.° Anno

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Fomos deixando intencionalmente para o fim a questão Calmon, porque não é senão a confirmação de tudo quanto nós temos dito.

Hoje entra em scena outro homem de sciencia, outro alienista distincto, que escreve e que pensa como todos.

O que foi a questão Calmon? Uma mulher tentando abandonar pae, mãe e irmãos e um pae oppondo-se a esse intento.

E' o feroz, o torpe, o horrendo egoismo religioso!

Não confundam abnegação com egoismo. Já aqui citámos as palavras de Maudsley: «O exame interior e a analyse de nós proprios, especialmente quando são prescriptos como deveres religiosos a pessoas que a sua organisação physica ou qualquer outra causa predispõe para uma susceptibilidade excessiva, fazem nascer um *egoismo doentio que facilmente se confunde com o despertar da consciencia.*

Ora uma consciencia com essa especie de impressionabilidade, exaggerando a si mesma a sua propria importancia, *cahe facilmente na loucura* se não tiver occupações activas e interesses exteriores poderosos que lhe contrabalancem os effeitos.»

Já tinhamos transcripto estas palavras. Transcrevemol-as outra vez para que não esqueçam.

Não é a abnegação o mobil d'essas mulheres, que vão pelo mundo acudir aos pobres e aos enfermos. E' o egoismo. A abnegação é a base do dever. O egoismo é a parte integrante da conservação brutal e da esperança sordida. Essas mulheres não obedecem ao dever social. Este impõe-lhes ternura, affecto, respeito, obediencia digna a seus paes. Obedecem á regra jesuitica, que lhes promette o reino dos céos em troca d'essa infamia de repudiar patria e familia. Vão pelo mundo acudir aos pobres e aos enfermos. E deixam na pobreza, na enfermidade ou na dôr moral pae, mãe e irmãos!

Prestam serviços, dizem-nos. Quaes serviços, se o serviço social por excellencia o pisam e calcam ellas aos pés? O serviço social por excellencia é procrear e educar cidadãos, cidadãos para a cidade, cidadãos para a patria, cidadãos para a humanidade. Não ha outro. E esse condemna-o o jesuitismo.

Arriscam-se á morte, atiram-se impávidas ás epidemias nos hospitaes, soffrem o rigor do tempo, o desdem dos homens, são resignadas e humildes por amor do proximo.

Por amor do proximo, não. Por amor d'ellas, ou por amor de Deus, que é a mesma coisa, e porque em nome de Deus as mandam. Mas nem em nome de Deus nem dos homens é licito abandonar crúamente pae e mãe.

Seria preciso que nos provassem que não ha mais quem trate dedicadamente dos enfermos e dos pobre senão irmãs de caridade. E, mesmo assim, desde que esse serviço assentava no crime social do repudio da familia e da patria, mais ganhava a humanidade civilisada em se arriscar a perder alguns enfermos e alguns pobres do que em alimentar no seu seio o inimigo terrivel da sua civilisação fundamental, que se chama o jesuita, que se chama a irmã da caridade.

Mas, nem existe sómente a irmã da caridade para tratar dos enfermos nos hospitaes, dos velhos nos asylos e das creanças nas escolas, como nem sequer é ella, moral e profissionalmente, o melhor elemento de successo, como já em parte demonstrámos e como definitivamente demonstraremos.

Não. Não é a abnegação que move a irmã da caridade. E' o egoismo.

O sentimento religioso tem esse perigo formidavel: o de desenvolver no homem o egoismo até ás raias do crime. E' o egoismo da besta féra.

E' o egoismo. E' elle a grande alavanca do jesuitismo. E' o seu melhor elemento de proselytismo e de exito. E' o egoismo, que precisa d'um cerebro enfraquecido, d'uma vontade annullada para produzir todos os seus fructos. Então torna-se cego e dá-nos exemplares como essa senhora Calmon, como a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, que não veem senão o inferno d'um lado e o céo do outro e que, cegas entre esses dois espectros, se tornam duras como féras.

A féra sacrifica tudo á sua salvação. Essas mulheres fazem o mesmo. E não ha lagrimas que as commovam, pedidos que as façam mudar de resolução, sentimentos de ternura que as dominem quando se trate da salvação das suas almas.

São loucas. Só se chega a esse estado por uma acção perturbadora sobre o cerebro. Só com essas loucas o jesuitismo póde viver. O jesuitismo assenta na loucura, e n'uma loucura que requer a negação dos principios sociaes e humanos. A louca que não procria, a louca que tem a idéa fixa da salvação da sua alma, a louca que rejeita patria, amigos e familia, tal é o grande instrumento do jesuitismo. Mas, em taes condições, póde essa louca lançar-se aos mares e ás fogueiras por *amor do proximo*, que nem demonstrou ter tal amor nem deixou de ser, em qualquer caso, um elemento anti-social, perturbador da concordia dos povos e do progresso humano, como tal requerendo eliminação prompta e completa.

E demos agora a palavra ao illustre alienista Julio de Mattos. Reparem os leitores e verão que a senhora Calmon está precisamente nos casos a que nos temos referido até agora, nos artigos anteriores. Reparem bem, que é sempre a mesma coisa.

Depois de ter descripto o estado physico da senhora Calmon, escreve o director do hospital Conde Ferreira:

«Foi sempre affectuosa e docil; e o seu desenvolvimento intellectual fez-se regularmente. A instrucção d'esta senhora é exclusivamente artistica e litteraria.

Sob o ponto de vista da religião, foi educada n'uma quasi indifferença, tendo tido successivamente professoras catholicas e protestantes. Ia á missa e confessou-se uma vez no Brazil para tomar a primeira communhão.

Em 1898, tendo-se relacionado com a familia P***, conhecida pelas suas ideias absolutistas e pelo seu fanatismo, e tendo entrado, sem que seu pae o soubesse, em casas religiosas, a arguida começou a entregar-se a praticas exaggeradas do catholicismo, frequentando as egrejas, prosternando-se a resar no quarto durante horas, a ponto de callejar os joelhos, fazendo reiteradas abluções d'agua benta, que tinha sempre junto do leito, confessando-se e recebendo muitas vezes a communhão, e lendo exclusivamente obras mysticas, das quaes transcrevia pensamentos para um livrinho de bolso. (1)

Por esta epocha a arguida abandonou a sociedade, deixou de frequentar os theatros e os passeios, de que gostava muito, poz de parte o piano, seu prazer favorito e descurou a *toilette* a ponto, segundo informações de sua mãe, de não mudar opportunamente a roupa branca. Tendo tido uma séria affeição por um moço algum tempo antes fallecido e do qual conservava, como recordação, uma pequena mecha de cabellos, a arguida fêl-os enterrar, como se fôra peccado possuil-os. Com isto, tornara-se triste e abatida.

Estes factos contrastavam tão violentamente com o modo de ser anterior de D. Rosa que seu pae tornou-se apprehensivo.

Alguem disse por esse tempo ao sr. Calmon que a arguida pensava sériamente em fazer-se receber n'uma ordem religiosa e que, mesmo, d'isso fizera voto em casa dos P.*** Muito inquieto, o sr. Calmon resolveu-se a interrogar a filha, contando á hora do jantar o que antes ouvira. A sr.ª D. Rosa negou ter feito o voto, protestou que estava muito bem em casa de seus paes e que não pensava em abandonal-os. Mas tudo isto foi dito de maneira a não tranquillisar seu pae. E, de facto, no dia immediato o sr. Calmon recebia da arguida uma carta em que ella lhe confessava o projecto de seguir a vida religiosa para obedecer ás ordens de Deus. Esta carta commoveu tanto o sr. Calmon que lhe determinou uma syncope. Então a arguida fingiu hesitar, renunciar ao seu projecto; mas logo depois insistiu na sua idéa, allegando que era maior e affirmando que seguiria o seu destino, abandonando a casa paterna para entrar n'um convento.

A pedido do sr. Calmon, visitei então a sr.ª D. Rosa duas vezes, attenta e longamente, acabando por aconselhar a immediata collocação d'ella n'uma casa de saude estrangeira.

Por motivos que não importa averiguar, deixou de ser seguido o meu conselho: o sr. Calmon permittiu a sua filha a liberdade de frequentar as egrejas, onde passava horas seguidas em confissões, e de entregar-se ás leituras mysticas, prohibindo-lhe apenas as visitas aos P.***

Pensando annullar pela doçura a resistencia de sua filha, o sr. Calmon não fez senão augmentar a extensão do mal, determinando no coração de D. Rosa um affrouxamento cada vez maior dos affectos familiaes.

E, de facto, em março ultimo, illudindo a vigilancia dos paes, a arguida fugiu de casa, deixando-lhes uma carta em que se lastimava de partir sem as bençãos d'elles e em que os aconselhava a não a procurarem e a não fazerem ruído sobre o caso. Mas enviou uma cópia d'esta carta a um jornal ultramontano, que a publicou.

Detida, a instancias do pae, em Alfarellos, onde foi encontrada em companhia de duas senhoras, (das quaes uma, segundo informes tomados pelo sr. Calmon, era uma religiosa em trajes seculares) a arguida voltou ao Porto no dia immediato em companhia de dois de seus irmãos que a foram buscar. Mas, chegada ao Porto, declarou colericamente a seu pae, que a esperava com anciedade, o projecto de não voltar a casa; e só consentiu em acompanhar de carro o sr. Calmon, quando um policia, para quem appellou, lhe prometteu que o governador civil iria de tarde visital-a e tomar nota das suas reclamações.

Como o governador civil não apparecesse, a arguida escreveu-lhe em tres pedaços de papel uma carta, em que se queixava do pae, porque abusivamente a espoliava dos seus direitos de maior, garantidos por lei. Pedia desculpa d'escrever em fragmentos de papel, allegando não ter meio de fazel-o convenientemente. Mas enviou cópias d'estas cartas aos jornaes ultramontanos, que as publicaram e que, a seu turno, accusaram o sr. Calmon do crime de *carcere privado*. A sr.ª D. Rosa, no emtanto, sahia todos os dias de casa em companhia de sua mãe.

Foi então que o sr. Calmon veiu requerer a interdicção da arguida, baseando se n'um attestado medico, por mim assignado, em que se affirmava a existencia de uma hysteria com perturbações mentaes, e pondo em relevo a alteração de caracter de D. Rosa, victima ao mesmo tempo da herança morbida e dos manejos do fanatismo.

Nomeado perito, tomei conhecimento do que se passou desde abril de 1898 até agora.

A arguida é lucida, raciocina os seus actos e procura justifical-os; mas quando lhe parece inconveniente responder, diz que não póde ou que não quer fazel-o. Discute constantemente, mas occulta muitas vezes a verdade, como quando affirma que só por acaso se encontrava em companhia de duas senhoras em Alfarellos, como quando, depois de ter dito que se destinava a Lisboa, se recusa a explicar como foi detida n'uma estação entermediaria, como quando, emfim, occulta e nega as suas constantes relações com os fanaticos, a despeito da publicação, absoluctamente deturpada, de entrevistas que teve comigo na presença exclusiva dos paes. (1)

As contradicções da arguida são por vezes chocantes. Affirma a sua incompatibilidade com os paes, e, comtudo, nas cartas que tem publicado affirma que elles são cheios de ternura e bondade para ella. Receiando ser interdicta por motivo dos seus exaggerados sentimentos religiosos, negou no primeiro interrogatorio, feito no tribunal, as suas demoradas rezas, e disse que, partindo para Lisboa, levava o projecto de ir viver do seu trabalho para casa de pessoas honestas, d'onde, mais tarde, iria ou não para um convento (aliás escolhido ha muito.) Disse tambem n'esse interrogatorio e muitas vezes o tem repetido, que motivos particulares a impedem de viver com a familia; mas não revelou ao meritissimo juiz esses motivos, e confirmou que o pae lhe permitte fazer as suas devoções, visitar as igrejas, frequentar os sacramentos, dar esmolas, cumprir, n'uma palavra, os deveres de uma catholica praticante.

A conducta da arguida, fazendo publicar cartas suas nos jornaes e provocando um grande ruído á volta do seu nome e do nome de sua familia, oppõe-se do modo mais violento e mais extranho á sua modestia anterior, como a sua seccura e o seu egoismo actuaes contrastam clamorosamente com a antiga affectuosidade—levada ao ponto de ter ciumes da ternura do pae pelas outras irmãs. O processo criminal intentado contra o sr. Calmon, não a commove. «Não tenho culpa d'isso» é quanto diz, friamente. Dar-se como victima da fé catholica é um prazer para a arguida, absolutamente extranha ás lagrimas e ás dôres de seus paes.

«Trocaram-nos a nossa filha!» é a phrase synthetica e amarga com que o sr. Calmon exprime esta extranha situação.

Baseando-me sobre a hereditariedade convergente, vesanica e nevropathica, sobre os ataques incompletos, sobre os syndromas e estigmas physicos e psychicos acima mencionados, sobre a mudança radical de caracter, de sentimentos e de conducta da argnida, estabeleço o diagnostico seguinte: *Degenerescencia psychica he-*

---

(1) Algumas amostras: «Ne tenir a rien, *Dieu seul*, par le ditachement entier de tout... Mee tenir indifférent à tout... N'aimer et ne chercher que l'adorable et adorée volonté de *Dieu... Dieu seul*, en donnant tout à la grâce et rien à la matiére... Ne tenir á rien... *Dieu seul*» etc, etc.

(1) Um exemplo curioso:—Quando a vi pela primeira vez, disse-me a arguida que, seguindo a vida religiosa, não fazia senão obedecer á vontade e ás ordens de Deus, o que naturalmente me conduziu a perguntar-lhe de que modo essa vontade e essas ordens lhe eram communicadas. Vendo-a muito hesitante em responder-me e attribuindo essa hesitação á presença dos paes, convidei-os a ausentarem-se um instante. Mas quando elles iam a fazel-o, a arguida rompeu n'um accesso de colera contra mim, porque a queria interrogar sem testemunhas; e affirmou me que não me tornaria a receber. Esta scena, de que os paes, muito vexados, foram as unicas testemunhas, appareceu ha tempos n'um jornal ultramontano, que me foi enviado, sob este colorido: eu teria perguntado á arguida se lhe appareciam *visões* e ella ter-me-hia respondido com um fino sorriso de ironia que eu merecia ser afugentado com agua benta.

A proposito vem lembrar que, visitando-a pela segunda vez tive de esperal-a muito tempo, porque, sentindo parar o meu carro, a arguida fechou-se immediatamente no quarto a fazer abluções d'agua benta e a implorar o auxilio da virgem contra mim

reditaria, de que são syndromas a hysteria constitucional e a loucura lucida (variada affectiva).

Constatando que a paixão religiosa produziu na arguida, eminentemente suggestional, *um estreitamento do campo da consciencia, incompativel com o livre exercicio da vontade e escolha de motivos d'acção, voto porque ella seja interdicta.*»

Continuaremos.

Os nossos antepassados

Parece que descobertas feitas em Kiel pelo dr. Grotian, medico do exercito allemão, veem resolver a questão ha tanto tempo debatida entre anthropologistas e ethnógraphos sobre se os nossos antepassados seriam mais corpulentos do que nós.

O dr. Grotian achou 10 cadaveres, bem conservados e medindo de 1,75 a 2,10 de altura, que suppõe estarem enterrados ha 17 ou 18 seculos. Encontravam-se ainda vestidos, sendo pequenos os estragos soffridos pelo vestuario durante tão prolongada inhumação. O trajo é um manto de fina lã, ornado de desenhos em losangos, uma especie de calção curto e sapatos de couro. Os cabellos tambem estão bem conservados, assim como a barba, que é ruiva.

THEATRO AVEIRENSE

E' hoje e ámanhã que tem logar as duas récitas dadas pela companhia hespanhola de zarzuela. Dizem-nos que a casa está quasi toda tomada.

ELEIÇÕES

Passaram as eleições e com ellas se viu mais uma vez a hypocrisia do regimen. Jornaes sempre promptos a encobrir os attentados do poder, como o *Seculo*, confessam que nunca as illegalidades foram tantas como d'esta vez. A eleição do Porto foi manifestamente roubada aos republicanos. Não nos cega nenhum espirito de partido ao dizer isto. Todos sabem como nós costumamos dizer as verdades contra os proprios republicanos. Não é preciso ter estado domingo na capital do norte para se saber o que se passou alli. Os factos são tão eloquentes que a verdade vê-se a distancia.

Mas isto não nos surprehendeu, nem deve ter surprehendido ninguem. O que surprehenderia seria a legalidade, seria a verdade.

Pois não havendo n'este paiz liberdade de imprensa, nem de tribuna, nem de reunião, havia de haver liberdade de voto? Quem esperava tal incoherencia?

O regimen negou-nos todas as liberdades. Portugal está sob o jugo do despotismo. A arbitrariedade é que vale. A violencia é que reina. Esperar outra coisa é tolice.

Não nos enganemos e encaremos as coisas debaixo d'este ponto de vista para sabermos orientar a nossa conducta.

Os republicanos não devem desanimar, nem teem razão para isso. Pelo contrario, devemos redobrar de esforços na lucta. Não nos dão liberdade? E' o mesmo. Obriguemos o poder a praticar violencias sobre violencias. O erro dos republicanos tem sido não seguir tenazmente essa conducta. Dirigidos por homens sem capacidade politica, romanticos fim de seculo, não fizeram muitos annos senão dislates, caminhando á mercê do romantismo loiro do sr. Magalhães Lima, do sr. Manuel d'Arriaga e d'outros. Do romantismo loiro d'esses e das conveniencias torpes d'outros, o que foi peior ainda.

Nada de desanimar. Nem o resultado da eleição do Porto, nem de Lisboa, são motivos para desanimos. E' voltar á urna em voltando a occasião. Veem novas violencias? Deixal-as vir. E' ateimar sempre. E' cançar e incommodar o poder. E' desacredital-o obrigando-o a violencias e a illegalidades.

Por haver attentados contra a imprensa não se segue que a imprensa desappareça. O mesmo se póde dizer do direito de reunião, do direito de voto, etc.

A inanidade em que o partido republicano esteve uns poucos de annos é que é o grande mal. Nada de cruzar os braços nem de curvar a cabeça. Falemos, protestemos, andemos sempre, que o triumpho pertence invariavelmente aos mais intelligentes, aos mais activos e aos mais tenazes.

* * *

Lê-se no nosso collega o *Norte*:

Passado o primeiro momento, reflectindo bem, chegamos a esta convicção:

O partido republicano do Porto encontra-se mais unido, mais forte, mais disciplinado e com mais auctoridade do que nunca para accusar os monarchicos.

Hão-de dizer-nos que vão rir-se de nós os jornalista palacianos e policiaes de Lisboa, commentando talvez, com risadas alvares, estas nossas palavras.

Francamente: eis ahi um caso que, nem de leve, nos preoccupa. Riam, trocem, rezem por alma do partido republicano, lancem por cima d'elle a ultima pá de terra, escrevam que a eleição foi, para nós, uma derrota monumental, acclamem a monarchia, celebrem a força do ministerio, que nada nos impedirá de affirmar esta verdade, tão simples e tão clara, como errefutavel:

A victoria, na eleição de domingo, pertence, de direito, aos tres condidatos republicanos.

A grande maioria dos eleitores votou por elles.

Os deputados pelo Porto são os srs. dr. Affonso Augusto da Costa, Francisco Xavier Esteves e Paulo José Falcão.

Mentimos?

Provem que mentimos. Provem, com documentos, com factos e com testemunhas.

Mentimos? Demonstrem que o acto eleitoral nas assembleias de Campanhã, Carmo, S. Nicolau, Terço, Padrão, Foz, Ramalde, Paranhos, S. Roque e Victoria, decorreu legalmente.

Demonstrem que em Ramalde votaram realmente 605 eleitores, em Paranhos 968, em Campanhã 992, em S. Roque 624, e na Foz 480 o que sommando todos, dá o numero de **3:667**, d'esses pertencem aos aos monarchicos **3:385** e aos republicanos, como consta no mappa, **282!**

Expliquem o mysterio de as assembleias ruraes se preoccuparem mais, sendo menos illustradas, com o acto eleitoral, do que as asembleias do centro da cidade, onde predominam elementos muito mais instruidos. Digam porque, tendo os republicanos representação em doze mezas, perdendo quatro e ganhando em oito, obtiveram, no total, maioria sobre os candidatos monarchicos. E expliquem porque não lhes foi concedida representação nas restantes onze assembleias.

Francamente: acreditam que no Porto os proprios individuos que diz haverem obtido sete mil e quinhentos votos, estejam convencidos da legitimidade da eleição?

Percorram a cidade inteira, perguntem a commerciantes, a industriaes, a operarios, perguntem a jornalisas, medicos, advogados, professores, perguntem á propria policia — sim á propria policia! — o que pensam da eleição de domingo, e todos responderão, uns indignados, outros envergonhados, que a eleição foi um escandalo inaudicto, que como dizia o *Seculo*, «o acto eleitoral decorreu por fórma nunca attingida nem sequer egualada!»

Imaginam que alguem ignora no Porto que nós, republicanos, obtivemos a maioria? Pensam que, seja quem fôr, desconhece tudo quanto se passou em numerosas assembleias eleitoraes, onde não foram contadas centenas de listas republicanas, e, em contraposição, lançados nas urnas, frandulentamente, massos de listas monarchicas?

Não! E' impossivel negar a evidencia! E' impossivel contradizer testemunhas dignas de toda a fé, mercedoras do maior conceito. E' impossivel negar factos presenceados por centenares de eleitores!

A eleição do Porto! Ha-de ser protestada! Ha-de ser annullada!

* * *

O mesmo collega *Norte* pede a toda a imprensa republicana do paiz que transcreva o seguinte:

Aos directores dos jornaes monarchicos de Lisboa, 'Novidades, 'Dia, e 'Tarde,

Lendo, nos jornaes de Lisboa, «Novidades», «Dia» e «Tarde», que a eleição do Porto decorreu legal e legitimamente perguntamos aos directores d'esses jornaes que são, respectivamente, os srs. Emygdio Navarro, Antonio Ennes e Urbano de Castro se teem alguma duvida em affirmar, publicamente, sob sua palavra de honra que nas assembleias eleitoraes de Campanhã, Paranhos, Padrão, S. Roque, Terço, Victoria, S. Nicolau, Carmo, Foz e Ramalde, o acto eleitoral se realisou sem violencias, sem illegalidades, sem fraudes e sem arbitrariedades, que podessem influir no resultado final da eleição.

Egualmente perguntamos se podem desmentir as affirmações da «Provincia» de 25 e 26 e do «Primeiro de Janeiro» de 26 e 27 d'este mez, sobre o que occorreu nas referidas assembleias.

Pela nossa parte, sob palavra de honra, nos compromettemos a publicar essas declarações, affirmando retirar tudo quanto houvermos escripto sobre o que se passou nas respectivas assembleias.

* * *

Em Aveiro venceu o candidato progressista, sr. conselheiro Albano de Mello.

Em Aveiro, não. No circulo de Aveiro. A cidade deu uma grande maioria ao sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

Não por ser um filho d'Aveiro, digâmos. Os de Aveiro estão mais no habito de escoucear do que consagrar os filhos d'esta terra com merecimento e serviços publicos. Mas porque o sr. Jayme de Magalhães Lima é um homem bondoso e serviçal. As idéas ou a capacidade intellectual de sua excellencia pouco importam aos seus patricios. Como elle os obsequia e os trata com paciencia, o mais não se discute.

Que, a nós, nada nos incommoda isso, digâmos. Ou os patricios pensem frito ou pensem cosido ficamos na mesma.

Venceu o sr. Albano de Mello.

O sr. Albano de Mello pertence, como o sr. Jayme de Magalhães Lima, a um partido abominavel e abominado. Consideramol-os inimigos da patria e da liberdade e como tal os trataríamos e trataremos em qualquer opportunidade ou occasião.

Individualmente, o sr. Albano de Mello é um homem tolerante e digno, como o sr. Jayme de Magalhães Lima.

Mas o sr. Albano de Mello tem um appendice que não lhe perdoamos, que é o homem das irmãs da caridade.

Portanto, é bem possivel que n'outra occasião nos vejâmos obrigados a quebrar a neutralidade que mantivemos na lucta eleitoral que findou.

ASSASSINATO

Referem de Ovar que na noite de sabbado se praticou nas visinhanças d'aquella villa um crime digno de severa punição.

No sitio de Ponte de Pedra, entre a villa e Vallega, quando João Baptista d'Assumpção, official da administração do concelho, regressava de levar um offiicio ao regedor de Vallega, foi assassinado.

Era o infliz um homem inoffensivo, de avançada idade, e deixa viuva e filhos.

Já se effectuaram algumas prisões.

Este acontecimento impressionou devéras á população da villa.

«Portugal Moderno»

Recebemos a visita d'um collega do Rio de Janeiro intitulado *Portugal Moderno*.

O nosso collega pede ao sr. D. Carlos amnistia ampla e completa a favor de todos os portuguezes que, existentes fóra do seu paiz e em qualquer parte do globo, estejam, á data respectiva, considerados como refractarios ou desertores do exercito ou da marinha de Portugal. E faz o seguinte appello a toda a imprensa:

«A toda a imprensa portugueza do continente, das ilhas e colonias, e bem assim á que, em paizes estrangeiros tem a coragem de desfraldar o pavilhão portuguez e defendel-o com denodo e hombridade, dirigimos o mais fervoroso APPELLO para que nos auxiliem, sem distincção de côres politicas, na grandiosa e patriotica missão a que nos abalançamos, para se conseguir a amnistia que hoje solicitamos do Augusto Chefe da Nação, como representante do Poder Moderador.

Não deve haver partidos, não deve não deve haver politica, para a consecução d'este ideal grandioso. O que o *Portugal Moderno* pede é ainda mais do que uma amnistia, porque é uma verdadeira emancipação.

Que ella se consiga, e para tanto, ousamos rogar aos patrioticos collegas que se dignem auxiliar insistentemente esta nobre causa, causa santa em prol de portuguezes exilados que anceiam por tornar a ver a Patria querida, para elles a nova Terra da Promissão!»

Pela nossa parte acompanhâmos abertamente o *Portugal Moderno* e juntâmos aos seus os nossos esforços.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

Cartas d'Algures

30 DE NOVEMBRO.

Falam varios jornaes nos escandalos da camara municipal de Lisboa. O *Seculo*, jornal de maior tiragem, insiste n'elles e pede a dissolução da camara.

Pois querem saber os leitores? Todos esses escandalos, ou outros equivalentes, foram desvendados ha annos pelo *Povo de Aveiro*.

E sabem o que aconteceu?

O *Povo de Aveiro* foi processado pela vereação da capital e condemnado a uns poucos de mezes de cadeia, custas e sellos do processo.

O que é o mundo!

Diziamos rigorosamente a verdade. Prestavamos um serviço relevante á moral publica pondo a nú, como pozémos, poucas vergonhas infinitas. Defendiamos a justiça escalpellando abusos sem nome. Pois o resultado foi a camara municipal de Lisboa, presidida pelo D. Xarope, como agora, mover-nos, á custa do povo, processos successivos, a que um mariolão, que se vendia como um perro, o que era publico e notorio, deu guarida e sancção tratando-nos com mais rigor do que tratava fadistas e gatuuos. E nem um só jornal, monarchico ou republicano, nos acompanhou n'esses combates ás irregularidades e crimes da vereação da capital.

Nem um só! Os monarchicos porque eram monarchicos; os republicanos porque o sr. Gomes da Silva era participante n'esses crimes e abusos.

O que apparece agora, para fazer tanto ruido e levantar tantas indignações? Nem mais nem menos que o que o *Povo de Aveiro* referiu. São as mesmas poucas vergonhas á sombra da beneficencia; são os mesmos escandalos a favor da companhia carris de ferro; são as mesmas preferencias illicitas com fornecedores; são as mesmas arbitrariedades em tudo e por tudo. O *Povo de Aveiro* não se limitou a palavras. Explicou miudamente e documentou as suas accusações. E o que resultou? outra vez perguntâmos. Resultou ser processado, ser condemnado, e toda a imprensa, monarchica e republicana,—que fala agora porque não tem conveniencias que a levem a calar-se, —fazer o mais completo silencio, não só em volta das nossas accusações como da perseguição que a camara municipal de Lisboa nos moveu.

Muito antes do sr. Ignacio Dias da Silva desvendar as poucas vergonhas da vereação de Lisboa as desvendámos nós. Comtudo, o sr. Dias da Silva é um benemerito e nós fômos uns *calumniadores*, como taes julgados e condemnados.

D'onde se vê cada vez mais que a justiça é sempre uma mentira n'este paiz. *Quem mais faz menos merece.* Assim se diz de velhos tempos.

Queremos vêr agora o que a camara do D. Xarope faz ao *Seculo* e a outros periodicos que a tratam a pontapés. Ha de se calar e ha de ser corrida ainda por cima.

E' esta falta de coragem em arcar com a hypocrisia, com o erro ou com a infamia, outro dos grandes males da nossa nacionalidade.

Nas duas cartas anteriores tratámos da falta de zelo, da imprevidencia, do abandono a que todos lançam os interesses publicos e, indirectamente, os proprios interesses. Estigmatisámos as manias do luxo, as pedantescas pretenções fidalgas, as revoltantes hypocrisias com que se vae chorando a sorte d'uns ao mesmo tempo que se despreza a sorte de outros. Faltou citar a covardia, a espantosa covardia com que se acceita o mais estupido preconceito ou a mais repugnante imposição. Todos concordam em silencio que uma coisa é má, mas ninguem se atreve a fulminal-a em publico. Mais: reconhece-se que tem razão algum raro que possue a audacia de a atacar, mas censura-se porque a ataca!

Isto é espantoso, mas é verdadeiro.

Em conversas particulares, não ha melhores cidadãos que os portuguezes. Nem um só deixa de dizer que isto vae mal. Observem os leitores, e verão. A todos os grupos onde chegarem ouvirão a mais completa unanimidade de opiniões sobre o mau estar do presente e sobre os perigos do futuro. A todos! Eu não ouço dizer senão: «isto está pessimo; isto é uma pouca vergonha; não ha respeito pela lei nem por coisa nenhuma.» Isto diz toda a gente, de todas as côres e feitios, de todas as ordens e classes, de todas as cathegorias e gerarchias.

Oh diabo, mas se todos estão d'accordo em reconhecer que isto está mau, porque não estão todos d'accordo em trabalhar para o pôr bom?

Ahi é que está a desgraça. A desgraça está na falta de coragem e de sinceridade. Todos esses, que concordam em que isto está mau, são os primeiros, logo que voltam costas, a trabalhar para o pôr peior. Tal, que grita que nas eleições se praticam as ultimas indignidades, é o primeiro a galopinar torpemente, se se offerecer a occasião. Tal, que censura os desperdicios, é o primeiro, calhando, a desperdiçar. Tal, que parece indignado contra os favoristismos, é o primeiro a pisar aos pés o direito e a lei para favorecer, se lhe convier ou o mandarem. Tal, que exclama que ninguem se oppõe ás ordens de cima, é o primeiro a cumpril-as subservientemente quando ellas chegam, mesmo que não haja perigo em objectar contra ellas.

Este é o facto mais grave. A covardia chegou a ponto de todos fazerem obra da mais vil subserviencia. Muita gente julga que a coragem está só em um homem não fugir deante d'outro homem. Pois essa é a menor das coragens, porque é a mais vulgar e elementar d'ellas todas. Essa é a coragem do bruto. E' a coragem do cão que faz frente a outro cão, do gato que faz frente a outro gato, da formiga, que faz frente a uma formiga. E' a coragem do bruto, não é a coragem do homem. A coragem do homem é mais levantada, é mais nobre, é mais geral e completa, e consiste, não só em fazer frente ao perigo, seja elle qual fôr, esteja onde estiver e venha d'onde vier, mas em fazel-a por amor d'isso que precisamente constitue a distincção humana, isto é, por amor da verdade, por amor da justiça, por amor da virtude, por amor de tudo que constitue uma obra ou um ideal de perfeição. D'onde logicamente se conclue que isto não é um paiz de homens mas um paiz de brutos, capazes de ladrar á lua ou de miar em janeiro, de jogar a dentada ou a unhada por pruridos de pimponice ou por um osso ou pela femea, mas promptos a curvar a cerviz em tudo o mais.

Isto é assim, é rigorosamente assim. E' assim na vida official e na vida civil; na vida particular e na vida publica. Todos se curvam, todos estão promptos sempre a obedecer e a calar, até quando não ha risco em falar. Tal é a força do habito na subserviencia!

O povo portuguez, diz-se, é um povo valente. Vae para a Africa combater com os pretos e combater bem. Sim, senhores. Mas, não se esqueçam, que outra vez o dizemos: valentes assim são todos os animaes. Todos! E' a valentia dos brutos e não ha duvida que o homem antes de ser homem é bruto. Mas a valentia humana, propriamente, é muito superior a essa.

E essa,—tenha paciencia o patriotismo,—essa não existe em Portugal.

Não, essa que leva o homem a bater-se pelas idéas, a arriscar-se pela liberdade, pela justiça, pela verdade, pelo bem, pela virtude, poucos, pouquissimos a teem entre nós.

E um paiz em taes condições ha de ficar forçosamente atraz,—e vae ficando.

A. B.

O unico povo nobre

A proposito da viagem de Kruger e da impressão geral que ella vae produzindo, conta-se o facto do litterato German ter, antes de se suicidar, deixado uma carta contra a sociedade moderna, terminando por dar um viva a Kruger como presidente do unico povo nobre e destemido.

Pela parte que nos toca, como portuguezes, protestemos, cantando com enthusiasmo

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente e immortal, etc, etc.

Os boers são um povo nobre e valente, mas a *Portugueza*, que não é uma mentira posta em verso, não foi feita para elles.

Nós tambem sômos nobre povo. Se por infelicidade sua... se tornar a suicidar, sr. German, dóbre a lingua, porque nós tambem sômos gente.

LOTERIA MATRIMONIAL

Um philantropo helléno, morto ha algum tempo em Corfú, deixou uma somma relativavente consideravel para constituir um legado de novo genero. E' uma lotaria cujos numeros são representados por meninas casadoiras pobres, das quaes um certo numero, as que tirarem a *taluda*, receberão um dote que lhes permittirá casar.

Todos os annos, a commissão nomeada para este effeito, e que é presidida pelo arcebispo da ilha, annuncia nos jornaes o numero de premios que ha a distribuir. As candidatas apresentam-se, abre-se um inquerito e, se é favoravel, cada donzella recebe um numero. Depois a sorte decide quem ha-de receber o engodo para chamar maridos.

Os chrysántemos do Japão

Realisou-se ultimamente no pavilhão imperial japonez, na exposição de Paris, uma magnifica exposição de chrysántemos cultivados pelos processos orientaes por M. Foukouba, director dos jardins do mikado, e ex-alumno da escóla de horticultura de Versailles.

Os parisienses tiveram occasião de admirar chrysántemos de monstruosos pés, medindo 5 metros de circumferencia e produzindo de sete a oitocentas flores.

No entanto, para consolo dos que entre nós se dedicam de corpo, alma e bolsa á cultura d'esta formosa flor do extremo-oriente, é bom dizer, mesmo de fugida, que os chrysántemos europeus sobrelevam aos orientaes em dimensões e *nuance*.

Barbaria ingleza

Como são tratadas as mulheres boers pelos inglezes, dil-o este telegramma de Paris:

«O jornal inglez *The Star* lamenta por informes de seus correspondentes na Africa do sul, a conducta das tropas inglezas. Já não tratam, como a principio, de concentração em grandes povoações, como se fez em Cuba, nem de apoderar-se das povoações e expulsar as mulheres e creanças em direcção ás linhas boers; agora, quando entram em uma aldeia, expulsam os homens para uma direcção e as mulheres para outra. Recentemente levaram 128 mulheres na qualidade de prisioneiras, amontoando-as em infectas choças com sentinellas á vista.

Se algumas d'estas téem sido postas em liberdade, é sob palavra e são obrigadas a apresentar-se diariamente ás auctoridades inglezas.

VENTRILOQUIA

A illusão vocal bem conhecida pelo nome de ventriloquia não é só explorada nas sallas de espectaculo por artistas que lhe accrescentam o seu talento mimico. O sr. Paul Garnault, que acaba de fazer sobre esse assumpto uma conferencia no Instituto psycho-physiologico, affirma que a ventrioloquia foi praticada com rara perfeição e na maior escala por toda a antiguidade. Nos povos antigos, povos conservadores, como os chinezes por exemplo, e nos povos selvagens actuaes, em todas as religiões da antiguidade, em todas as religiões primitivas que teem persistido até aos nossos dias, desempenhou e desempenha ainda um papel immenso, como geradora da advinhação e da inspiração.

Nos Zulus, nos Maoris, nos Tougaus, a ventriloquia está extremamente espalhada e anda sempre associada á evocação dos espiritos, mais especialmente á evocação dos espiritos dos mortos. Observadores dignos de fé confessam ter ouvido a voz dos espiritos, sibillante e abafada, no solo, no tecto da choça, ao longe, etc. Comtudo, a bocca e o rosto dos padres e dos feiticeiros estavam completamente immoveis emquanto isso succedia, tal qual succede com os ventriloquos de profissão.

Nos chinezes, a illusão serve para fazer falar os mortos e são as viuvas que constituem a clientella maior dos bruxos. Servem-se para a consulta, diz o sr. Garnault, a quem vamos buscar os elementos d'este artigo, de uma pequena estatueta de madeira de faia, que é exposta 49 dias ao orvalho impregnando-se durante esse tempo do espirito do morto. O bruxo applica a estatueta sobre o estomago; logo da bocca d'ella sahem palavras pronunciadas com essa voz cavernosa, sibillante e abafada, que representa ao mesmo tempo a voz dos ventriloquos e a voz dos mortos, e estabelece-se a conversação entre o espirito e o consultante. Outras vezes o bruxo péga na estatueta, colloca-a junto do ouvido do consultante e a conversação produz se da mesma maneira e no mesmo tom. Nos dois casos, não ha duvida nenhuma que a voz empregada é a voz do ventriloquo. A illusão dos fieis é tão completa como a nossa em presença d'uma scena de ventriloquia artistica moderna, mas produzida por meios inteiramente differentes: em nós, assenta n'uma falsa interpretação do testemunho dos nossos sentidos; nos chinezes, sobre a crença religiosa de que os espiritos dos mortos pódem ser evocados.

Era tambem certamente por meio da ventriloquia que os antigos faziam falar as estatuas, ás quaes os velhos Egypcios chegavam a arranjar cabeças e braços moveis. No Museu do Louvre ainda se póde vêr uma cabeça de Annubis, o deus de cabeça de chacal, que parece ter sido confeccionada e decorada ahi por a XX dynastia, e na qual a maxilla é articulada segundo os processos que os nossos ventriloquos ainda empregavam ha alguns annos. Mas o sr. Garnault, d'accordo aliás n'esse ponto com o sr. Masféro, julga que os proprios padres, praticando essas fraudes piedosas, pensavam só imprimir, d'uma maneira mais sensivel e mais edificante, os sentimentos da divindade. Hum!...

(De *La Nature*).

HENRI COUPIN.

AGRADECIMENTO

Capitolina Marques de Souza Maia, Maria Evangelina de Souza Maia, Beatriz da Graça Maia, Alfredo de Souza Maia. Cezarina Marques de Souza Maia, Julio de Souza Maia, Antonio Augusto de Souza Maia Junior, Francisco de Souza Maia, Florinda Marques de Souza Maia, Maria José Marques de Souza Maia, Margarida Marques de Souza Maia, João de Souza Maia e Maria da Gloria Marques de Souza Maia, agradecem com o maximo reconhecimento a todas as pessoas que procuraram informar-se do estado do seu mallogrado filho, marido, cunhado e irmão—Victorino de Souza Maia—bem como ás que assistiram ao seu funeral e que enviaram condulencias.

Agradecem tambem á dignissima classe typographica as provas de consternação e saudade manifestadas ao seu collega; e ao energico redactor d'*Os Successos*, sr. Antonio Maria Marques Villar, jornal de que o finado era director technico, e ao sr. dr. Samuel Maia, medico assistente, pela fórma como patentearam a sua piedade rara para com o extincto, não o abandonando durante a sua dolorosa enfermidade.

(67) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

Rebecca, apezar de erroneamente ensinada a interpretar as promessas da Escriptura ao povo escolhido de Deus, não se enganava suppondo que elle estava atravessando um tempo de provação, ou crendo que um dia viria no qual os filhos de Sião seriam chamados a fruir todas as regalias dos christãos. Por emquanto tudo em volta d'ella annunciava que o tempo presente era de castigo e provação e que o seu dever era soffrer sem desanimo. Assim habituada a considerar-se a si propria como uma victima da desventura, Rebecca desde muito nova reflectira sobre a sua propria situação e habituara o espirito a arrostar contra os perigos que provavelmente viriam ao seu encontro.

A prisioneira estremeceu, no entanto e mudou de côr quando, depois de ouvir passos na escada, a porta do aposento se abriu mansamente e um homem de grande estatura, vestido como os bandidos a quem ella attibuia a sua desgraça, entrou vagarosamente e fechou a porta sobre si; trazia o barrete enterrado até ás sobrancelhas e occultando-lhe a porte superior da cara, e havia traçado o manto de maneira que lhe escondia o rosto. Assim embuçado, como se se preparasse a praticar uma acção com cuja ideia elle proprio as sentisse envergonhado, estacou em frente da prisioneira aterrorisada; comtudo, apezar da sua apparencia de bandido, parecia embaraçado para explicar o motivo que ali o havia conduzido, de maneira que Rebecca fazendo um esforço sobre si propria, teve tempo para se antecipar em explicações. Suppondo naturalmente que o meio de alcançar as as boas graças do supposto *outlaw* era satisfazer-lhe a cobiça, desprendeu rapidamente dois valiosos braceletes e um collar, que se apresentou a offerecer-lhe.

—Acceita isto, meu bom amigo, disse ella, e, por amor de Deus, tem piedade de mim e de meu velho pae! Essas joias teem valor, mas não passam de uma bagatella em comparação do que nós dariamos para sahirmos d'este castello, livres e sem nos fazerem mal algum.

—Bella flor da Palestina, replicou o *outlaw*, essas perolas são do oriente, mas a sua alvura é inferior á dos vossos dentes; esse diamante é resplandecente, mas tem menos brilho que os vossos olhos; desde que entrei para esta vida aventurosa eu fiz voto de preferir a formosura á riqueza.

—Não te faças uma tal affronta a ti mesmo, disse Rebecca; toma este resgate e tem piedade! Com o ouro terás prazeres, e fazer-nos mal te acarretará remorsos. Meu pae satisfará de boa vontade os teus maiores desejos; e, se quizeres proceder sensatamente, poderás com o nosso resgate voltar outra vez para a sociedade, poderás obter perdão pelas tuas faltas passadas e não precisarás de commetter mais.

—Fallas muito bem, replicou o *outlaw* em francez, achando talvez difficuldade em sustentar em saxão a conversa que Rebecca encetara n'essa lingua,—mas sabe, açucena brilhante do valle de Baca! que teu pae está a estas horas entre as mãos de um poderoso alchimista que sabe converter em ouro e prata até mesmo as barras ferrugentas das grades de uma prisão. O veneravel Isaac está submetido a um alambique que lhe fará distilar o que elle tem de mais precioso recorrer ao meu pedido ou ás tuas supplicas. O teu resgate póde ser pago em amor e belleza, e eu não o acceito n'outra moeda.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó verniizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque. vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Chegou já ao seu estabelecimento um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas'

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—PRAÇA DA BATALHA.

(*Em frente ao governo civil*)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(*Luz. Cam.*)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.